

Paisagem, territorialidades múltiplas e temporalidades diversas: uma leitura da paisagem do Vale do Rio Três Forquilhas (RS)

**Álvaro Luiz Heidrich
Nola Patricia Gamalho**

Introdução

Caminhar pelo Vale do Rio Três Forquilhas é um misto de vivenciar tempos distintos. Mesclam-se o bucólico do verde da encosta com o colorido da várzea, preenchido por extensões de hortaliças, cuja monotonia é rompida pelo transitar dos tratores e trabalhadores. Seguindo pela estrada de terra, acompanhada pelo som das águas do Três Forquilhas, logo surge uma carroça puxada por bois, meio de transporte que insiste em resistir, mecanismo de sobrevivência, mas que traz consigo um tom nostálgico. O cumprimento é regra, mesmo que o olhar revele o estranhamento, a identificação de que se é um forasteiro, alguém que não pertence ao lugar. O sol que impregna os dias rápido se oculta atrás dos morros. Para o forasteiro é melhor um retorno sem demora, pois apenas passos sabidos dão conta de retornar em meio à escuridão que invade a estrada.

O Vale do Rio Três Forquilhas¹ se caracteriza por uma economia predominantemente agrícola, de baixo impacto ambiental se comparada com as áreas de intensa mecanização da lavoura empresarial existentes no Rio

¹ O Vale do Rio Três Forquilhas situa-se na área de escarpa, em posição Leste do Planalto Meridional do Brasil, no Rio Grande do Sul. Integra o Litoral Norte do Rio Grande do Sul e abriga importantes fragmentos da mata nativa pertencente à Zona Núcleo da reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Compreende a antiga colônia alemã localizada no Vale do Rio Três Forquilhas, entre o trecho da antiga Estrada da Renascença, atual Rota do Sol (RS-486), e a Serra Geral. Este texto retrata parcialmente os resultados de nossa participação numa pesquisa que buscou analisar as dinâmicas socioeconômicas e as mudanças na paisagem, com apoio do CNPq e da Fapergs. A fase inicial da pesquisa contou com a participação de Camila Xavier Nunes. Agradecemos os comentários de Sumirê da Silva Hinata, brasileira de ascendência japonesa e antiga moradora do Vale do Rio Três Forquilhas.

Grande do Sul. Há no vale um uso da terra bem compartimentado, em que predominam a produção de bananas nas encostas, hortigranjeiros e floricultura nas planícies de fundo de vale. O perfil desta região se destaca pelos aspectos de uma dinâmica socioeconômica vinculada ao setor primário, em que as relações, tanto com a região serrana como com o litoral, se dão por ocasião da comercialização da produção local. Por isso as observações aqui delineadas consideram a identificação do uso da terra o elemento inicial para a definição dos aspectos culturais ali presentes, para em seguida lançar o olhar sobre o cotidiano dos moradores, seu modo de pensar e uma esperada combinação entre os elementos materiais e simbólicos.

A paisagem do Vale é formada por múltiplas esferas que se intersectam, se sobrepõem e se relacionam, compondo um mosaico de referências. Desta forma, uma primeira reflexão nos obriga a reconhecer em toda essa composição o que é que define a paisagem cultural nesta área. Por outro lado, um outro questionamento é cabível, dada a diferença com que se concebe atualmente a paisagem cultural, em relação aos estudos tradicionais. Trata-se, neste caso, de também contemplar o que não é visto de antemão, o que não é exatamente imagem (Duncan, 1990).

A imagem,² enquanto é fator fundamental para a identificação dos compartimentos ambientais (Silveira, 2006, p. 7), é utilizada na dimensão cultural como um dos pontos de partida para o levantamento das informações, da mesma maneira que informações estatísticas e de levantamento de campo podem auxiliar na definição de detalhamentos posteriores. A relação sociedade-natureza, a história dos municípios, os usos da terra e as diferenças étnicas e religiosas são alguns dos referenciais que se entrelaçam na produção da paisagem cultural do Vale.

Por um lado, nos apoiamos na concepção de paisagem cultural como uma relação que pressupõe tanto a transformação da natureza quanto do homem, entendendo a “paisagem natural como o meio, a cultura como o agente transformador (modelador) e a paisagem cultural como resultado, não final, mas contínuo, da ação do homem” (Neves, 2003, p. 16). Por outro lado, se “a paisagem é um conceito impreciso” (Dolfuss, 1998, p. 89), sua compreensão se efetiva no momento que vêm à tona seus referentes empíricos.

Colocada a questão desta forma, acolhemos como objeto de discussão neste texto refletir sobre o uso do conceito para revelar a compreensão das

² Neste caso a autora está se referindo a imagem de satélite, contudo, adotamos a imagem em sentido mais amplo. Nesse sentido, um texto, um poema, uma fotografia, uma bandeira, entre outros, podem ser lidos como imagem.

manifestações da cultura em relação ao espaço em que ocorrem e reconhecer a paisagem cultural do Vale, por meio dos seus elementos definidores.

Reflexões sobre o conceito

Um estudo dos fenômenos do espaço que parta do conceito de paisagem cultural traz consigo a perspectiva de apreender a realidade a partir de sua complexidade, levando em conta as inúmeras dimensões que a compõem. É uma complexidade que envolve desde o olhar do observador, que vê e sente a paisagem, mas também precisa interpretá-la e decodificá-la a partir de suas significações, das mais objetivas às mais subjetivas.

Paisagem pode ser tanto uma concepção utilizada no senso comum quanto um recurso teórico. No senso comum pode ser compreendida como uma pintura, uma fotografia, ou uma cena tomada por um golpe de vista. Como recurso teórico consiste em conceito que explicita um modo de se identificar o fato geográfico. A paisagem é uma feição do espaço e sua abordagem deve identificar o arranjo dos objetos e as formas da geografia. Se a enfocamos como paisagem cultural, então se quer selecionar as expressões humanas, o trabalho, as atitudes, as heranças, as etnias, as intersubjetividades, as representações, etc.

Durante as perspectivas descritivas, o estudo da paisagem consistia em uma técnica que buscava identificar as porções do espaço com características físicas ou culturais homogêneas. Como método analítico, buscava-se apreender os dados objetivos que pudessem revelar a particularidade de uma determinada área. As contribuições que procuraram dar cunho explicativo ao conceito manifestaram a indissociável relação entre grupos humanos e natureza, pois conforme Sauer (1998, p. 23) a paisagem pode ser “definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”.

Sob esta abordagem três importantes aspectos são predominantes: (a) a aplicação do conceito serve de recurso para distinguir e classificar regiões culturais; (b) consiste no conjunto de aspectos perceptíveis à visão, que podem ser os atributos que espelham o caráter particular de uma área; e (c) baseia-se no princípio de que a paisagem é produto da ação humana sobre um ambiente natural. É considerada

[...] um produto concreto e característico da interação complicada entre uma determinada comunidade humana, abrangendo certas preferências e potenciais culturais, e um conjunto particular de circunstâncias naturais (Wagner e Mikesell, 2000, p. 135).

Com o conjunto intrincado das interações entre as opções dos grupos humanos e as condições naturais capazes de configurar um determinado *habitat*, ou uma forma particular de uso da terra, era possível de explicitar as formas de organização da vida em determinada área. Por exemplo, como se constroem as casas para se conservar a temperatura ou o manejo particular de cultivos com vistas ao melhor aproveitamento das características locais de solo e clima. O que revelava a paisagem cultural era resultado de uma expressão particular da vida humana em condições naturais também específicas. Compreendeu-se essa relação com o conceito de gênero de vida para falar dos diferentes modos de organização de um cotidiano, com instrumentos, técnicas e rituais com os quais se identificavam as diferentes regiões (Sorre, 1963).

Estas já não são, unicamente, as condições encontradas nas paisagens de hoje nas situações de integração com o mercado e com a indústria ou que tiveram influências de diversas origens. Da mesma forma que o intercâmbio, a urbanização e a padronização do consumo implicam em obstáculos à compreensão dos diferentes gêneros de vida (Sorre, 1964), também o estudo da paisagem cultural requer a consideração desta complexidade.

Considerar os aspectos culturais para a compreensão das paisagens implica compreender tanto as relações que transformam a natureza³ como a própria sociedade, pois “[...] a cultura é, ao mesmo tempo, determinada por e determinante da consciência e das práticas humanas” (Cosgrove, 1998, p. 102). Os próprios objetos naturais transformam-se em objetos culturais em consequência de seu significado simbólico.

Os aspectos objetivos da paisagem podem ser vistos pela articulação entre forma, função e estrutura, dos seus referentes empíricos, pois, segundo Carl Sauer (1998, p. 42),

[...] não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço. Ela está em um processo constante de dissolução e substituição.

Os fenômenos que compõem a forma, que dão sentido a função e que alicerçam a estrutura são dinâmicos e inconstantes, estando sujeitos a diversas influências: étnicas, econômicas, temporais, físicas, políticas, entre outras. Entretanto, os fatos objetivos não captam integralmente a amplitude das manifestações culturais e cada vez menos se assentam sobre o conteúdo material,

³ Conforme a concepção de Santos (2002), em que esta pode ser dividida conforme a intencionalidade e uso de técnicas em sua transformação.

mas também aos “sistemas de representação e valores, que permitem às pessoas se afirmar, se reconhecer e constituir coletividades” (Claval, 1999, p. 63).

A paisagem é composta por dados objetivos, concretos, mensuráveis e por dados subjetivos. Muitos dos significados da paisagem estão ocultos na *inocente* rotina cotidiana, que embora possa parecer irrelevante para os sujeitos diretamente envolvidos, uma simples sucessão de dias, é nessa rotina que a história dos lugares e dos sujeitos é produzida e significada. Justifica-se, então, a necessidade de praticar uma observação que possibilite, a partir da organização cotidiana, apreender elementos da organização social. As relações que envolvem técnica, a natureza e a construção de significados encontram-se reforçadas no cotidiano, como pode ser observado nesta afirmação de Cosgrove (1998, p. 101):

A cultura não é algo que funciona através dos seres humanos; pelo contrário, tem que ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, muitas das quais são ações não reflexivas, rotineiras da vida cotidiana.

A partir desta lógica, destaca-se a necessidade de realizar uma leitura da paisagem que apreenda também suas marcas, pois “interpretar os significados indica decifrar os modos de vida, as ações humanas, enfim, as marcas que o homem imprime no espaço” (Neves, 2003, p. 17). As relações de constituição da paisagem cultural são influenciadas por duas temporalidades, denominadas por Berque (1998) de *paisagem-marca* e *paisagem-matriz*. A primeira expressa uma civilização, ou seja, sua trajetória de composição do *viver* cotidiano atual. A segunda, a paisagem-matriz, é posta como atuante no processo de percepção, concepção e ação do sujeito, ou seja, é dinâmica, atual e mutável. Para Neves (2003, p. 17),

[...] o processo histórico, a ação do tempo, revela-se de fundamental importância, possibilitando o estabelecimento de uma concretude espacial rica e plural, reconhecida como resultante da ação humana (como marca) para o desenvolvimento de ações (matriz).

Neste sentido, a paisagem cultural apresenta temporalidades que, embora distintas, são contemporâneas para a percepção que determinada sociedade tem de si e, conseqüentemente na construção de significados que concernem sentido e identidade à ação humana. Em determinados grupos a valorização da memória funciona dessa forma, como uma espécie de resistência, confrontando os viveres de tempos diferentes. Tem-se então a relação entre a marca e a matriz, pois a modernização se insere no território sem eliminar por completo as realidades pretéritas.

A compreensão se enriquece à medida que seja possível associar, ou apreender a partir da análise da paisagem cultural, os elementos que compõem o pertencer de um grupo à sua localidade, ou seja, sua territorialidade e identidade. Os símbolos (bandeiras, hinos, entre outros) revelam representações do espaço e das relações que uma coletividade tem com ele. São construções humanas cujo intuito é o de legitimar e reforçar ao longo do tempo sua relação com o espaço e o território.

Quando um sistema simbólico é predominante ou hegemônico em determinada área há compartilhamento de compreensões e valores, uma cultura. A marca disso no espaço conforma determinada territorialidade, mas não quer dizer que a paisagem seja exclusivamente expressão disto. As relações da sociedade com o espaço, que se expressam por uma condição territorial, implicam na produção de marcas que produzem ao mesmo tempo território e paisagem, mas enquanto o território é compreendido pelo seu conjunto, a paisagem revela as derivações. O território expressa a força dos poderes e a paisagem um complexo de formas, inclusive daquilo que é submetido aos poderes.

Reportando-se a Erwin Straus (1989), Jean-Marc Besse (2006, p. 80) compreende certa desconexão entre paisagem e território, não sendo possível considerá-la uma “extensão de território que se pode abarcar num lance de vista”. Diz ele: “por ser ausência de totalização, é antes de mais nada a experiência da proximidade das coisas”. De modo similar, Cosgrove (1998, p. 100) compara com outros conceitos geográficos:

Ao contrário do conceito de lugar; lembra-nos sobre nossa posição no esquema da natureza. Ao contrário de meio ambiente ou espaço, lembra-nos que apenas através da consciência e razão humanas este esquema é conhecido por nós, e apenas através da técnica podemos participar dela como seres humanos.

A relação dialética *marca-matriz* também se expressa em territorialidade, posto que não se trata de um território absoluto, mas de uma relação e de um processo. Se o território “é produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugadas e mutuamente reforçadas, ora desconectadas e contraditoriamente articuladas” (Haesbaert, 2002, p. 121), a territorialidade pressupõe “interação, movimentação e contato humano que são transmitidos pela energia e informação para afetar, controlar e influenciar ideias e ações de outros e ter acesso aos recursos destes” (Sack, 1980, p. 26).

A objetividade de uma territorialidade, na qual se visualize certa singularidade da relação sociedade-espaço, é resultado de vínculos que um grupo, uma coletividade ou um sujeito estabelece com o espaço. Pode ser em função

da ocupação (de estar, de se localizar), do uso (da produção econômica e de transformação do meio em utilidade social e cultural), ou da representação que se faz disso (Heidrich, 2006, p. 26-29). Nesse sentido, toma-se apoio na proposição de leitura da paisagem, tal como se fosse um texto, passível de ser lido e interpretado, como um sistema significante, “como uma reunião ordenada de objetos [...], através do qual um sistema social é comunicado, reproduzido, experimentado, e explorado” (Duncan, 1990, p. 17).

Compreende-se assim, a territorialidade e a paisagem como fatos imbricados, que envolvem um espaço ocupado, usos e concepções de uso, sentimento de pertencimento e de identidade. Pelo fato de haver tal imbricação não se quer dizer, porém, que toda paisagem corresponde uma territorialidade e vice-versa. Muito embora toda porção de espaço compreenda paisagem e territorialidade, elas não são obrigatoriamente conformes.

Imagens e cotidiano: as temporalidades na paisagem

Uma primeira aproximação da paisagem cultural pode ser obtida pelo uso da terra, meio pelo qual se dá a relação da posse e uso dos recursos, em relação às necessidades de reprodução social e inserção dos habitantes num sistema de relações de produção e de troca. Trata-se de uma imagem objetiva e elementar da paisagem, que também manifesta aspectos da cultura. Os usos da terra no Vale podem ser compreendidos em seis grandes grupos (Figura 1): cultivo de bananas e policultura e pastagem nas encostas, culturas hortigranjeiras nas planícies do vale, pastagem natural, e culturas de aipim e abacaxi na planície arenosa e cultivo de arroz nas várzeas. Em todo o Vale, tanto em termos de área plantada como em valor da produção, há destacada predominância da produção de bananas na lavoura permanente. Por outro lado, a lavoura temporária, em meio a uma policultura característica da pequena produção familiar, destaca-se o cultivo de tomate e hortigranjeiros nos municípios de Itati e Três Forquilhas, e de abacaxi em Terra de Areia. Neste, também há destacado uso da terra em pastagem.

De forma predominante, os pequenos produtores trazem uma história progressiva de um *espaço-tempo vivido camponês* que se distingue em dois usos: a produção de uma pequena agricultura diversificada que se adentra ao vale e a criação de gado nas áreas planas. Enquanto a policultura de pequena produção familiar sofreu forte modernização com a produção de hortigranjeiros e especialização no uso das encostas para a produção de banana, a pecuária ainda mantém aspectos tradicionais, que se revela pela rusticidade das instalações e produção não intensiva.

A modernização da agricultura não ocorreu de modo homogêneo nesta geografia. Atualmente se compõe por uma espécie de mosaico, com diferentes níveis técnicos, dependendo da combinação entre uso da terra, articulação com os mercados, custo de produção, mão de obra, tecnologia e a relação com o próprio meio. Não há, nesse sentido, uma configuração de paisagem cultural reveladora de um encaixe ou uma unidade que revele a combinação entre usos da terra e manifestações da cultura, claramente delineados e coerentes entre si. Revela-se, ao contrário, a ocorrência de uma multiplicidade de influências que se intercambiam e conferem completa dinamicidade à paisagem.

Desta dinâmica pode-se apontar o cruzamento entre uma herança das origens desde a ocupação do lugar, uma integração local e uma articulação com o mundo. As unidades não são de paisagem, são muitas vezes de indivíduos ou de famílias e seus estabelecimentos (Figura 2). Na paisagem produzem uma visão complexa, que por vezes se agrupam e sugerem a interpretação em função do que se vê em primeiro plano (Figura 3). Contudo, esta é uma dinâmica bastante atual, que decorre da melhoria das estradas a estas localidades, pois o isolamento e a sua precariedade foram durante muito tempo condicionantes para os agricultores locais.

Anteriormente à especialização e produção para o mercado, a agricultura era basicamente de subsistência e comercialização com os tropeiros que desciam o planalto. No Vale há uma dinâmica da atividade agrícola que se divide em dois momentos, como sugere Sorj (1980, p. 11). O primeiro na década de 1920 onde “a produção agrícola passa a se orientar para o mercado interno, no começo como simples expressão da crise do setor exportador e logo depois como expressão e demanda do setor urbano-industrial”. O segundo momento – cujo início data da década de 1960 – é responsável pela inserção tecnológica na agricultura que “passa a se reestruturar a partir de sua inclusão imediata no circuito de produção industrial, seja como consumidora de insumos e maquinarias, seja como produtora de matéria prima”. Há, nesse sentido, uma dupla articulação com o mercado, primeiramente devido à sua posição como abastecedores de produtos primários para a região metropolitana de Porto Alegre e litoral norte e, segundo, pelo alto consumo de maquinário e insumos, consolidando-se uma nova temporalidade.

A política de inserção do litoral norte à economia regional levou o então presidente do Estado, Borges de Medeiros, a abrir canais de ligação entre as lagoas Itapeva e Quadros, entre outras. Possibilitou-se, então, o contato através do Rio Três Forquilhas, com a localidade de Porto Alágio – atual município de Três Forquilhas. Esta dinâmica favoreceu a incorporação da região no circuito econômico regional, e conseqüentemente a diminuição do isolamento destes municípios. Segundo o relato de alguns moradores, a receita

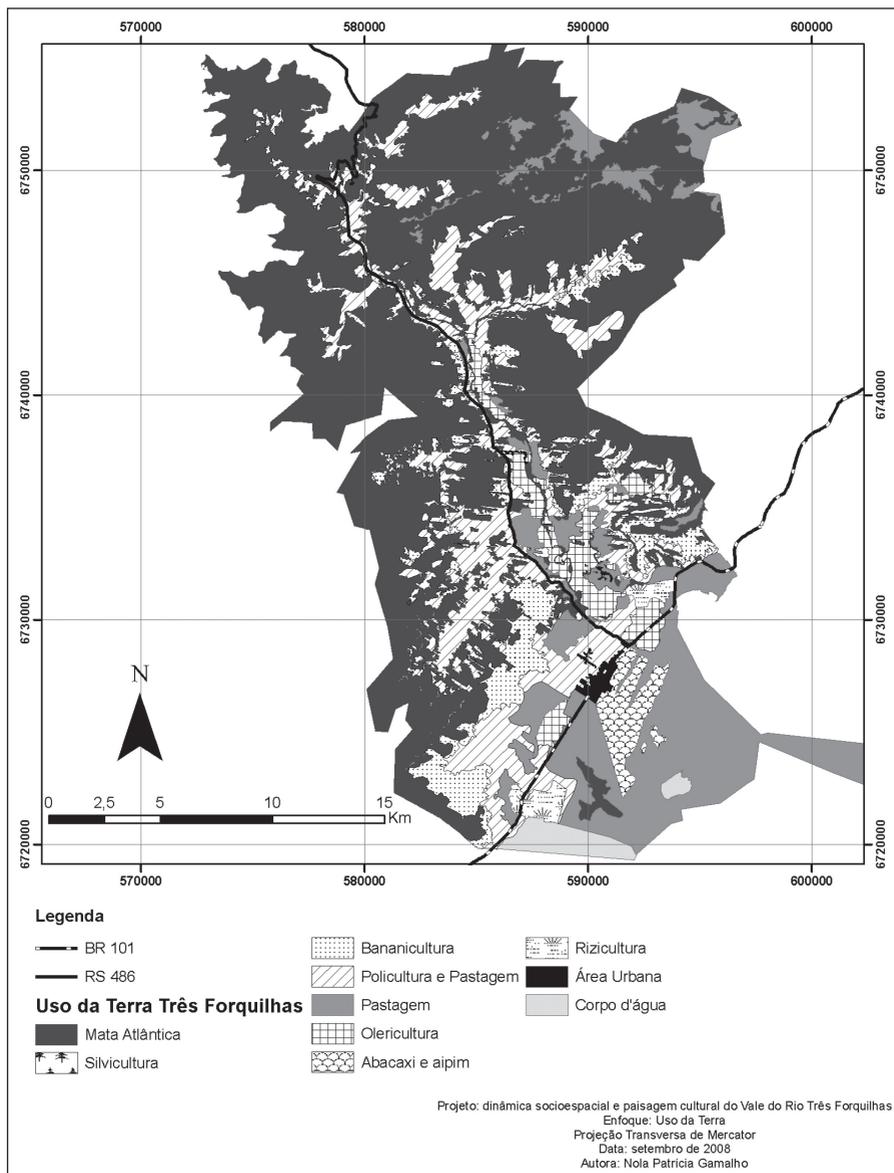


Figura 1. Mapa de uso da terra.



Figura 2. Produtores de cana-de-açúcar e cachaça, Itati.
Foto: Nola Gamalho, 2004.



Figura 3. Horticultura irrigada, Três Forquilhas.
Foto: Nola Gamalho, 2005.

dos municípios há 50 anos atrás se originava da produção de cana-de-açúcar, milho e feijão. “Tiravam um caminhão de açúcar todo ano. A cana perdeu mercado e ficou cara. O serviço com a cana é muito pesado” (depoimento em entrevista, município de Três Forquilhas). A economia centrava-se no cultivo de cana-de-açúcar e beneficiamento de seus derivados: “O tempo deles não era de plantar cenoura, era de vender rapadura” (morador de Três Forquilhas lembrando sua infância e as memórias de seu pai). A precariedade das estradas possibilitava apenas o transporte com carro de boi. A mercadoria era posta em uma broca – mala de couro – ou em balaios.

Me criei trabalhando na roça. Havia o engenho de cana e produzíamos açúcar. Nesta época chegava no município apenas o vapor. Com um carro de boi, puxavam a mercadoria. O vapor levava até Osório (moradora de Três Forquilhas).

Da mesma forma chegavam mercadorias nos municípios. Também havia o contato entre os tropeiros que “vinham buscar rapadura e açúcar [...]. Traziam pinhão para vender” (morador de Itati). Por meio destes relatos é possível reconhecer a importância dos fatores que contribuíram para a mudança do uso da terra no Vale: a melhoria das estradas, a dificuldade com o manejo da cana-de-açúcar e sua incorporação no circuito econômico como fornecedores de matéria-prima e consumidores de insumos e maquinários.

Associado a essa transformação tem se elaborado representações de alteridades vinculadas principalmente à violência e furtos. Uma moradora lembra de sua infância com saudades fazendo alusão a outra temporalidade: “Com a melhoria nas estradas aumentou muito a população. Tem muitas pessoas de fora, sempre chegam moradores novos”.⁴ A melhoria das estradas facilitou o

⁴ Moradora de Terra de Areia.

contato do Vale com outras regiões, contudo, segundo os moradores, também cresceu o número de acidentes nas estradas. A energia elétrica chegou ao Vale apenas na década de 1970. Mas a inserção destes municípios como abastecedores da região metropolitana e dos balneários no período de verão contribuiu com muitas mudanças.

Coexistem diferentes formas de inserção ao mercado. Há desde uma agricultura de subsistência, com a comercialização do excedente na comunidade; unidades familiares produtoras de mercadorias, plenamente inseridas na dinâmica do mercado e até mesmo produtores capitalizados. Por outro lado, mesmo que se note o predomínio de pequenos agricultores, que recorrem essencialmente à força de trabalho familiar, alguns aspectos ligados à alteração da dinâmica da agricultura são reveladores de que a paisagem formada pelo arranjo espacial da pequena produção familiar, ligada a uma reprodução simples e relações de vizinhança apoiadas na autoajuda já não são mais tão comuns.

Os produtores mais capitalizados, principalmente alguns produtores de banana nas encostas e horticultores na várzea, recorrem ao uso da mão de obra assalariada. Parte desta é oriunda de outras regiões, como aqueles requisitados para a colheita da banana. Não há, porém, apenas uso de trabalhadores safristas, pois tanto o trabalho nos bananais como na olericultura e na floricultura exigem tratos durante o ano inteiro.

A paisagem, que mescla formas e processos antigos e atuais, é reveladora das temporalidades de isolamento e da inserção regional do Vale numa divisão inter-regional do trabalho. Isto se observa não apenas pela forma dos objetos, como a casa e os galpões do tempo da ocupação da região contrapostos aos estabelecimentos comerciais do tempo atual. Embora se mantenha parcialmente um comércio local – aproximadamente em $1/3^5$ –, inclusive com vizinhos, o principal destino da produção é externo, principalmente para o abastecimento da região metropolitana de Porto Alegre e, em segundo lugar aos balneários do litoral norte. Este cenário, que demonstra a inserção do Vale em outros contextos é o mesmo que implica na diminuição da rentabilidade, à medida que parte deste comércio externo se realiza com a intermediação de atacadistas.

Ao mesmo tempo os moradores expressam afeição com esse cotidiano e sua paisagem, e queixas pelo isolamento a que estão submetidos, especialmente quando se reportam ao estado precário das estradas. Da mesma forma, também expressam descontentamento com o custo dos insumos para a produção agrícola e a “necessidade” do uso de agrotóxicos. Entretanto, ainda que existam relações de conflito relativas a estas dificuldades, há uma forte relação dos mo-

⁵ Levantamento de campo, 2005.

radores com seu ofício, perpassando entre todos os segmentos a identidade de produtores rurais de hortigranjeiros, banana e abacaxi, vinculados à paisagem e ao cotidiano próprios do Vale.

Identidade e simbolismo: o hibridismo na paisagem

A formação (territorial) do Rio Grande do Sul, que do ponto de vista étnico caracterizou-se pela diversidade, também ocorreu no litoral norte. A partir das políticas de colonização, tem-se o estabelecimento de imigrantes açorianos e alemães na região. Em 1826 o Vale do Rio Três Forquilhas foi ocupado por alemães protestantes, recebendo posteriormente, também africanos (escravos) e italianos. Por fim, nos anos 1960, houve a inserção de imigrantes de etnia japonesa em Itati. Destaca-se, no entanto o grande predomínio da herança étnica alemã e portuguesa, mas não se observa uma exacerbação de aspectos estigmatizadores ou de segregação entre essas populações.

Muito embora a diferenciação de origem étnica repercute na paisagem da vida religiosa da população, já que há significativa predominância das igrejas católica e protestante (Figura 4 e 5), muitas famílias que, estando longe do local de realização da cerimônia de sua religião, frequentam a cerimônia da outra. Mas, ainda que afirmando a inexistência de conflitos, alguns moradores deixam claro a sua individualidade religiosa: “Eles na deles e nós na nossa”;⁶ “Frequento só a minha igreja, dos outros eu não sei”.⁷ No entanto, outros moradores relatam sobre uma convivência harmoniosa entre protestantes e católicos: “É quase a mesma coisa, tem protestante que comunga na católica”, “Tem pouca diferença, alguma reza ou outra”.⁸

Um maior estranhamento ocorre com a difusão das igrejas “Assembleia de Deus” e do “Evangelho Quadrangular”.⁹ Estas igrejas foram introduzidas recentemente no Vale e se localizam junto às populações de menor renda. Elas estão em grande número no município de Terra de Areia, que apresenta expansão urbana decorrente de migrações, e nas localidades onde se empregam os maiores contingentes de trabalhadores safristas.

⁶ Morador católico de Três Forquilhas.

⁷ Morador protestante de Itati.

⁸ Moradores católico de Três Forquilhas.

⁹ Embora não se tenha registro de religiões evangélicas nas entrevistas, tanto na observação em campo quanto nos relatos de entrevistados de outras religiões reconheceu-se não apenas a ocorrência, mas também o franco crescimento destas igrejas.



Figura 4. Igreja Católica, Três Forquilhas.
Foto: Nola Gamalho, 2005.



Figura 5. Igreja Protestante, Itati
Foto: Nola Gamalho, 2005.

Há forte territorialização das religiões, pela presença de templos e cemitérios que marcam as localidades. Os protestantes estão espacialmente mais concentrados em Itati, que não possui cemitério católico. Há participação de descendentes de japoneses na religião protestante, como resultado da integração por meio de casamentos e vizinhança. A iniciativa de moradores de descendência africana na construção de uma igreja católica também é um indicativo da necessidade de territorialização do símbolo de suas crenças e da segmentação das religiões por etnias. Territorialidade e paisagem se mesclam nesse referencial simbólico. A ação de marcar (por uma capela ou um cemitério) produz um fato, um nó de um tecido, como afirma Raffestin (1988) e exerce força na leitura do espaço, na assimilação do que ele seja representativo. A paisagem, porém, pode revelar além do representativo, a existência menor, como a subsunção singular, o detalhe.

Outro aspecto que se revela como importante elemento de identidade e reconhecimento da geografia do Vale é o imaginário acerca da natureza e do progresso. Valorizam-se aspectos da paisagem, bem como fatos socioculturais, que se tornam representação daquilo que é próprio, como uma personalidade do “lugar”. Como se depreende deste poema:

Foi deus quem fez esta Terra / Cercada de natureza / Na bandeira estão os símbolos / Cada símbolo uma beleza / A estrada representa / A ida e o regresso / Túnel cortando montanhas / Representando o progresso / O carro de boi representa / A primeira imigração / Abrindo novos caminhos / Começa a população /

Também nossa agricultura / Um símbolo representando / O sol que faz crescer / Nosso alimento sagrado.¹⁰

A agricultura, juntamente com a religião, é um importante universo mediador das representações culturais e de como a população se reconhece. A terra no Vale possui a dimensão de símbolo da vida, do sustento, das alegrias (quando se tem uma boa produção a um bom preço) e das tristezas (quando as intempéries ou a dinâmica econômica desvalorizam uma safra). A relação da sociedade está contida nas duas principais comemorações do Vale: a Festa da Cenoura e a Festa da Colheita (a primeira ecumênica, realizada em Três Forquilhas e a segunda protestante, realizada em Itati). A festa contribui para “tecer a malha” do território (Raffestin, 1988), pois implica o percurso das pessoas ao local, o espalhamento da sua divulgação, do vínculo de cada um com o evento, a preparação dos materiais, etc.

Alguns elementos são desagregadores ou de expressão de diferença. A dicotomia política tem sido uma constante, ou se pertence ao partido da oposição ou da situação, ou se é *graxaim* ou *galo*. Nas moradias, em sua maioria, há clara exposição, através de cartazes e faixas, da opção política do morador. Em Terra de Areia há a divisão entre o “Brasil” (lado leste da rodovia BR-101) e o “Paraguai” (lado oeste) (Figura 6). No lado leste tem-se uma maior concentração de serviços, estabelecimentos comerciais, assim como escolas; no lado oeste, no Paraguai, há um aspecto associado ao crescimento desordenado, predominando uma população de baixa renda, moradias irregulares e precariedade de saneamento e infraestrutura. No lugar se reconhece distinto valor do morador conforme a localidade de sua moradia, como expressões respectivas de centro e de periferia.

Muitos dos significados desta paisagem estão ocultos na rotina cotidiana, em que as ações não são reflexivas. Por outro lado, estes elementos atuam de forma a reforçar o vínculo de identidade do morador com seu território e paisagem. Esta territorialidade envolve, principalmente, uma relação que compreende sentimentos e vínculos de posse, uso e pertencimento.

Por isso, paisagem e territorialidade apresentam-se imbricadas em temporalidades que mesclam tradicional e moderno, e cruzam múltiplas identificações que não se conformam a encaixes. As próprias famílias apresentam este “tempo diferencial”. Os mais velhos mantêm vínculos mais fortes com o “viver rural”, enquanto as atitudes dos jovens demonstram não destoarem

¹⁰ Poema escrito pelo professor Antônio Rodrigues de Matos e recitado pelos alunos da escola fundamental Dr. Nelson Silveira de Souza, na comemoração do 6º aniversário do município de Itati.

daquilo que se manifesta nas grandes cidades, seja pelo uso do vocabulário, do vestuário, assim como pela importância dada a determinadas práticas, como os jogos de computador, ou a prática de *skate*, por exemplo.

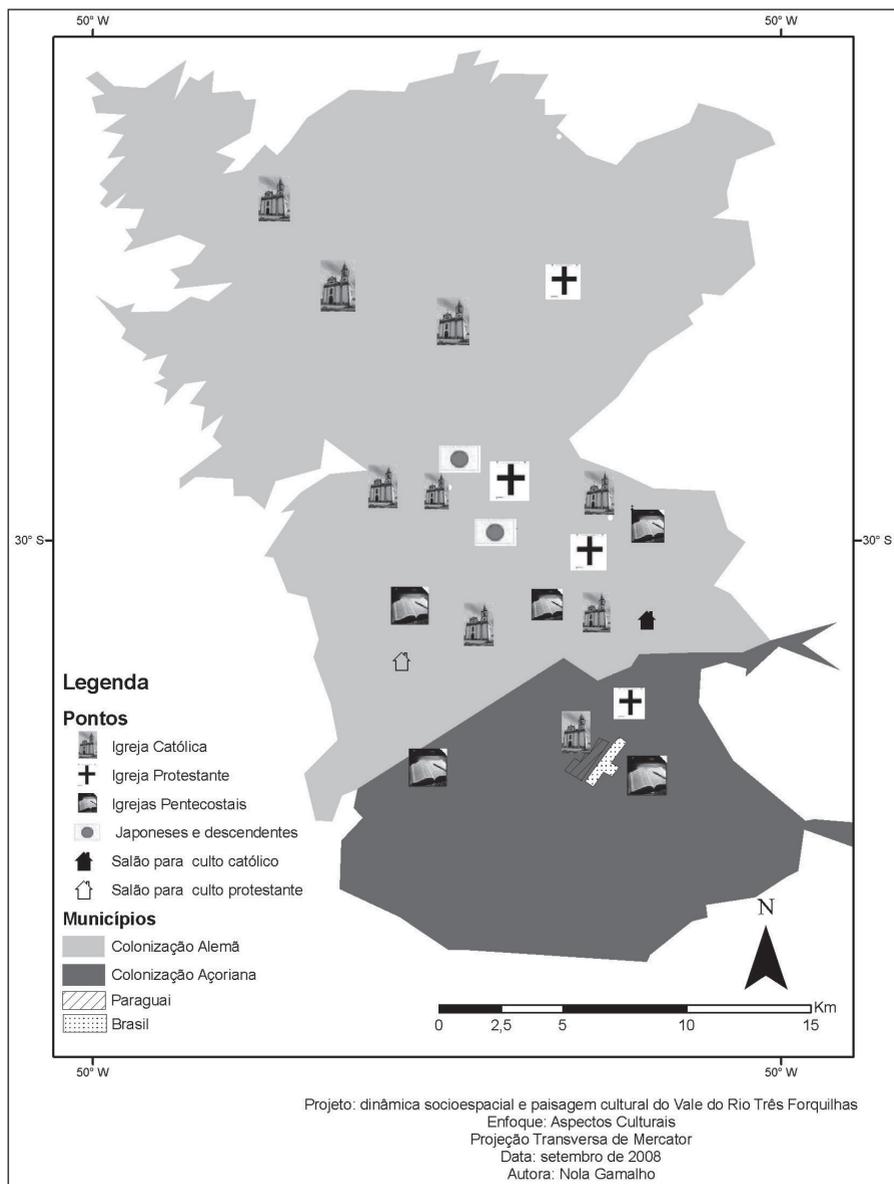


Figura 6. Mapa dos aspectos culturais.

Considerações para uma leitura

Os vínculos dos moradores com o Vale são formados por um rico quadro de diversos fatores: desde sua relação com o meio, como forma de apropriação e sustento, os aspectos étnico-religiosos, a condição de pequeno agricultor, que é predominante, a influência do progresso em combinação com a permanência de elementos do passado. O processo de colonização e, conseqüentemente a diversidade étnica e religiosa, a inserção do agricultor em uma economia de mercado ou sua relativa continuidade em um modo de viver camponês, assim como as influências externas, são elementos responsáveis pela composição de sua paisagem. É forte a permanência de um cotidiano rural em que o espaço-tempo é percebido como continuidade, embora contraditoriamente articulado com temporalidades externas.

Desta forma, não há encaixe, onde uma paisagem se apresente na articulação coerente entre a materialidade dos objetos e as representações e sentimentos. Como se viu, as unidades são muitas vezes individuais, familiares ou de pequenos grupos, mescladas com aspectos comunitários. Configura-se como uma paisagem híbrida, carregada de símbolos e significados onde os diversos elementos se cruzam na composição da identidade do seu morador. Ao mesmo tempo em que se expõem as marcas de tempos passados, há influências do novo, como um mosaico de vida humana com muitos patamares de significado. As identidades, assim, são múltiplas, resultantes de uma grande superposição de significações singularmente confinadas ao Vale e outras resultantes da sua abertura e articulação com o global. Poderia se expressar, considerando a contemporaneidade que as manifestações culturais da paisagem contêm, uma espécie de *transglossia*, como propôs originalmente Ortiz (1999), para se referir ao “lugar”, como um cruzamento de diversas espacialidades.

Do ponto de vista do método, portanto, deve-se considerar o conceito de paisagem cultural como um meio de desconfiar (face às amplas referências que lhe deram origem) e um objetivo a se chegar, com a intenção de leitura, como propôs Duncan, como um propósito de revelar territorialidades não encaixadas, a maneira de um mundo transglóssico.

Referências

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 75-83.

- BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CLAVAL, Paul. Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 59-97.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92-122.
- _____. Geografia cultural: passado e futuro: uma introdução. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 49-58.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92-122.
- _____. Geografia cultural do milênio. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 17-46.
- DOLFUSS, Olivier. A produção do meio. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: 1998, p. 89-91.
- DUNCAN, J. *The city as text: the politics of landscapes interpretation in the Kandyen Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- HAESBAERT, R. *Territórios Alternativos*. Niterói/São Paulo: EdUFF/Contexto, 2002.
- _____. Da desterritorialização a multiterritorialidade. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, n. 29, p. 11-24, jun. 2003.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. Territorialidades de inclusão e exclusão social. In: REGO, N.; MOLL, J.; AIGNER, C. (Org.). *Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 21-44.
- NEVES, Leonardo Azevedo. Um novo tempo para novas urbanidades: o papel da paisagem cultural nos estudos do mundo rural. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Miguel Ângelo. (Org.). *Revisitando o território fluminense*. Rio de Janeiro: NEGEF, 2003, p. 11-30.
- ORTIZ, Renato. Um outro território. In: BOLAÑO, C. R. S. (Org.). *Globalização e regionalização das comunicações*. São Paulo: EDUC/UFS, 1999, p. 51-72.
- RAFFESTIN, Claude. Repères pour une théorie de la territorialité humaine. In: DUPUY, Gabriel et al. *Reseaux territoriaux*. Caen: Paradigme, 1988.
- SACK, Robert. *Human territoriality. Theory and History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 384.
- SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 12-74.
- SILVEIRA, Camila Thomaz da. *Paisagem do Vale do Rio Três Forquilhas*. Relatório de pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SORJ, Bernardo. *Estado e classes sociais na agricultura brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SORRE, Max. A noção de gênero de vida e seu valor atual. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, n. 172, 1963.

_____. A noção de gênero de vida e seu valor atual. *Boletim Geográfico*, n. 177, Rio de Janeiro, 1964.

STRAUS, Erwin. *Du sens de sens*. Contribution à l'étude des ondements da la psychologie. Grenoble: Jérôme Millon, 1989.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marwin W. Temas da geografia cultural. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Geografia Cultural: um século* (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.